



Esalq defende agronegócio como solução contra fome

Godofredo Cesar Vitti, professor da instituição, observa também que há mitos que distorcem realidade da agricultura nacional

Professor da Esalq Godofredo Cesar Vitti critica política para o agronegócio no Brasil e apresenta sugestões para alavancar a produção de alimentos, conforme cobrança da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), para evitar a fome no mundo. Segundo ele, na

própria Esalq, existem vários pontos que precisam ser tocados com urgência. A produção atual, para Vitti, pode ser ampliada com investimentos na melhoria de estradas, redução do IPI para máquinas agrícolas, retorno de 75% do ICMS do algodão, estrutura para armazenagem, entre outros. **A5**

Gargalos geram desperdícios de U\$ 50 bi/ano

Professor do Departamento de Solos da Esalq aponta que o país precisa superar mitos para produzir mais alimentos

Romualdo Cruz Filho
romualdo@tribunatp.com.br

O professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) Godofredo Cesar Vitti, do Departamento de Solos, fez ontem, durante simpósio sobre fertilizante e agrogêncio, uma avaliação crítica da produção de alimentos no Brasil. Além de apontar os nós da estrutura, que ampliam o desperdício e reduzem o desempenho, destacou a falta de educação da sociedade sobre a realidade do setor.

Ele vê distorções graves sobre a importância do agrogêncio para o mundo, sintetizadas em ideias que se tornaram mitos e foram disseminadas inclusive por ambientalistas, como se a produção agrícola fosse um privilégio das grandes culturas, estivesse focada apenas nas exportações e fosse responsável pelo desma-

tamento, entre outras. "Falta uma cartilha para valorizar o que a gente faz e desmontar esses mitos, mostrando que precisamos de alimentos para acabar com a fome", sintetizou.

Pragmático, Vitti disse que há problemas emergenciais, políticos e ambientais, e todos dependem de uma política adequada para alavancar a produção de alimentos e atender as exigências da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO, na sigla em inglês) para os próximos 15 anos, período em que o Brasil precisa produzir pelo menos 20% a mais do que produz hoje.

A produção atual, diz o professor, pode ser ampliada com investimentos na melhoria de estradas, redução do IPI para máquinas agrícolas, retorno de 75% do ICMS do algodão, estrutura para armazenagem, extensão rural, seguro rural e des-

burocratização do crédito. No entanto, o que se tem hoje, no entender de Vitti, é uma política do desperdício, com a perda de U\$ 50 bi anuais que vão para o ralo.

Sintetizando, no entender do especialista, a produção brasileira está basicamente centrada na região Sul/Sudeste, mas pode avançar para o Cerrado e Semi-Árido. Aproveitando sempre áreas de pastagem. E nem pensar na Floresta Amazônica. Em primeiro lugar por se tratar de uma terra ruim – até para pastagem.

Em relação aos fertilizantes, Vitti observou que não dá mais para ficar dependendo da importação do produto. Mas para isso, a Petrobras e a Vale precisam acelerar suas estruturas de produção, a base de amônia e uréia, no caso da estatal, e à base de potássio, no caso da mineradora. De acordo com o diretor da Esalq,

Roque Dechen, as indústrias brasileiras de fertilizantes estão instaladas em Marrocos por ter lá um minério com maior solubilidade, o que facilita a produção. No entanto, ele acredita que a tendência é a expansão da produção no país e o fim da dependência do produto importado.

Esse processo carece também de estudos. Vitti disse que o Brasil investe muito pouco em trabalhos acadêmicos sobre fertilizantes, o que não contribui para ampliar a produtividade. Enquanto isso, o mundo avança mais rápido. Os EUA, por exemplo, produzem quatro vezes mais toneladas de alimentos por hectare que o Brasil. Em forma de crítica ao governo e os políticos pela realidade da agricultura brasileira, Vitti usou o esporte. "Não fatuamos a Coma de 2010, mas vamos superfaturar a de 2014".